

“A voz da raça” – negro papel, signos brancos - o negro brasileiro e o dilema da aceitação e enfrentamento do racismo no início do séc. xx

Ariadne Guimarães Dias¹

Resumo: O artigo apresenta uma breve análise dos textos publicados em "A Voz da Raça", jornal da Frente Negra Brasileira (FNB), primeira organização negra brasileira a ter um partido político. Para contextualizar o leitor, inicialmente é apresentado um breve histórico da Frente, sua representatividade e alcance. O texto avança com as ideologias preponderantes na organização e a identificação no discurso das táticas de branqueamento vigentes no início do século XX no Brasil.

Palavras Chave: FNB (Frente Negra Brasileira); Linguagem; Jornalismo.

Abstract: The article presents a short review of published news on "A Voz da Raça", Frente Negra Brasileira (FNB)'s newspaper. The Black Brazilian Front was the first black organization to create a political party. First, the author presents a brief historical of the FNB, its representative and reach. The article study the organization major ideologies and the "whitening" strategies uncovered in the beginning of XX's century.

Keywords: FNB (Frente Negra Brasileira); Language; Journalism.

A palavra voz vem do latim *vox, vocis* (voz, som da voz, som, acento, às vezes, grito, e também palavra, vocábulo). Vem, como de habitual, do seu acusativo *voce (m)* e observe-se que nossa língua conserva todos os sentidos que teve no latim. Dela derivam também vocal, vocalismo e vociferar (produzir gritos). A palavra é formada com a mesma raiz do verbo *vocare* (chamar), de onde vocábulo, vocabulário, vocativo, convocar, provocar, revogar, advogar e advogado. Se vincula a uma raiz indoeuropeia *wek* (falar)².

A voz, traz em sua raiz etimológica, manifestação, expressão dita, que se fala, que se ouve. Em grito, ou palavra, ela expressa ideia, sentimento. Onde há voz, há o que se verbaliza, concretude do pensamento, algo que antes pertencia ao mundo das ideias. Diante desta reflexão, inúmeras possibilidades de estudo surgem ao analisarmos os artigos publicados em “A Voz da Raça”, jornal da Frente Negra Brasileira (FNB), impresso entre os anos de 1933 a 1937. Neste artigo, propomos, porém, restringir a investigação ao campo da Linguagem. Mais especificamente, investigar nos artigos publicados as crenças e os anseios dos negros brasileiros no primeiro terço do século passado.

¹ Mestranda em Educação (Umesp).

² Tradução do verbete “voz” do Dicionario Etimológico, página chilena, visitada em 02/03/2017 - <http://etimologias.dechile.net/>.

Negras origens

Para avançarmos em nossa proposta, é necessário entender a origem e importância da FNB. Criado no início da década de 30, o grupo diferenciava-se pelo nível educacional. A maioria dos integrantes era alfabetizada e tinha consciência dos desafios encontrados pelos negros depois da Abolição. Essa pequena "elite"³ paulistana reunia-se no Salão das Classes Laboriosas, próximo à Catedral da Sé, no Centro da capital paulista, mas devido à necessidade de espaço, transferiu-se para um prédio na Rua da Liberdade, onde permaneceu até a dissolução do movimento. A estrutura da organização proporcionava inúmeras atividades aos negros.

A Frente era composta de vários departamentos: Educacional, que oferecia curso primário e alfabetização de adultos; Musical, onde os associados aprendiam a tocar diversos instrumentos; Esportivo, responsável pela organização de competições esportivas; Médico, que incluía consultas médicas e gabinete dentário, e o Jurídico Social, responsável pela defesa dos direitos dos associados e negros, em geral. A sede da FNB era ainda ponto de reflexão e busca de solução de questões nacionais.

Este ambiente proporcionou oportunidades para muitos filhos e netos de escravos. Aristides Barbosa, por exemplo, um filho de lavradores do interior do Estado de São Paulo, fez na organização o curso de Admissão ao Ginásio, aulas de música e inglês. "Tudo isso ajudou nos meus objetivos de vida", resumiu o ex-operário de fundição, vidraceiro e mecânico, que se formou em Letras e Sociologia e terminou a vida aposentado como professor e jornalista. Em depoimento sobre a Frente Negra Brasileira, Barbosa contextualiza:

(...) na década de 30 nós estávamos numa atmosfera de senzala. Lá na Bela Vista, por exemplo, se você chegasse à tarde, num dia de semana, encontrava homens negros nos bares, desempregados, enquanto as mulheres é que trabalhavam. O negro não tinha essas preocupações de encontros culturais que veio a ter depois da Frente Negra.⁴

Os ideais da Frente Negra Brasileira espalharam-se também para outros estados do país: Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. A entidade chegou a ter cerca de 200 mil afiliados e uma milícia, com rígida disciplina militar, para proteger os negros de abusos e agressões. A instituição foi ainda a primeira a fundar em outubro de 1934 um partido político negro, registrado na Justiça Eleitoral⁵.

Uma importante fonte histórica sobre o movimento pode ser encontrada nos Arquivos Públicos dos estados de São Paulo, berço do movimento, e de Minas Gerais, segundo maior pólo da Frente. Eles abrigam documentos da FNB, que reunia uma grande diversidade de opiniões políticas. Entre suas lideranças havia pessoas ligadas ao Patrianovismo, que defendia a volta da Monarquia e o Integralismo.

Curiosamente, durante toda a existência da Frente, a instituição teve apenas dois presidentes: Arlindo Veiga dos Santos, que exerceu o mandato até junho de 1934, e Justiniano Costa, que permaneceu até a dissolução. Criador da Ação Imperial

³ Conceito proposto pela historiadora Laiana Lannes de Oliveira Rio de Janeiro, autora da tese de mestrado "A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930", defendida em 2002, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Trecho da entrevista concedida por Aristides Barbosa e publicada em "Frente Negra Brasileira - Depoimentos", de Márcio Barbosa.

⁵ Fundada em 1931, a Frente Negra Brasileira foi responsável pela fundação do primeiro partido negro – reconhecido pela Justiça Federal em 1936.

Patrianovista Brasileira, ou simplesmente Patrianovismo, Arlindo Veiga dos Santos, defendia a instauração de uma nova monarquia no país, baseada numa filosofia política conservadora. O grupo, formado de jovens católicos, teve vida longa e ligações com o líder e fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB), Plínio Salgado.

Os integrantes do movimento patrianovista participaram da fundação da AIB (Ação Integralista Brasileira) em outubro de 1932, quando a organização ainda não declarava abertamente o seu caráter fascista. O que pude perceber é que tanto o patrianovismo como o integralismo tinham alguns pontos em comum. Em um momento de forte reivindicação dos operários, tanto o patrianovismo como o integralismo representaram movimentos de reação das classes médias, alicerçados nos ideais católicos e ardorosamente contra o capitalismo liberal e o comunismo. A ligação estreita entre Arlindo Veiga dos Santos e o integralismo pode ser evidenciada por um artigo publicado no “A Voz da Raça” e escrito por Plínio Salgado ⁶.

Os sonhos de futuras conquistas no Congresso Nacional foram encerrados, no entanto, em novembro de 1937, com o advento do Estado Novo, e – por consequência – o fim dos partidos, eleições livres e da Justiça Eleitoral. A Frente ainda tentou escapar da repressão, mudando de nome em alguns municípios, mas acabou perdendo espaço e força. O ideal de representatividade foi duramente abalado e a instituição fechada por ordem judicial. Apesar de esforços do movimento negro, a frente desarticulou-se.

Pele & Ideologia

É importante observar que a intensa luta travada pelos líderes da Frente Negra Brasileira não a eximiu de assimilar em seu ideário o discurso do branqueamento, vigente no início do século passado. A análise dos artigos e ensaios publicados em “A Voz da Raça” revela o contraditório, especialmente na autoanálise do negro brasileiro. Ora a comunidade é convocada a buscar a criação de ícones e valores negros (como a substituição de Papai Noel europeu pela figura típica do “Pai João”⁷, ora é chamada a realizar em si a imagem e os “valores brancos”, abandonando os classificados “vícios da raça”.

E havemos de vencer. Vencer antes a nós mesmos; vencer as paixões ruins que nos dominam; as qualidades más, o álcool, o samba desenfreado, o descrédito imerecido; vencer a incompreensão, a cobiça, o orgulho, o despeito que vem confirmar a lúgubre frase de Patrocínio - inimigo do negro é o próprio negro (...)⁸.

⁶ Laiana Lannes de Oliveira recupera a origem da relação da FNB com o movimento Integralista, em “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”, página 73.

⁷ Segundo descrição publicada na edição 42 de “A Voz da Raça”, em 1934, João era um preto velho, de cabelos e cavanhaquinho todo alvo, que aparecia de surpresa à criançada, e comandava a distribuição de presentes à criançada durante a festa de Natal realizada na sede da FNB.

⁸ Os fretenegrinos listam os “vícios da raça” na edição 62 de “A Voz da Raça” – fevereiro de 1937.

A proximidade do ideário integralista deixou marcas na “A Voz da Raça”, a começar pelo próprio lema: “Deus, Pátria, Raça e Família”, uma adaptação do slogan integralista “Deus, Pátria e Família”.

Aderir à FNB representava submeter-se a um rigoroso padrão de comportamento. Assumir os hábitos apontados como referência, ainda que – por vezes – isso representasse o afastamento das raízes africanas, suas tradições e produções culturais.

Somos católicos, gostamos das festividades e aconselhamos todo respeito ao ritual religioso, mas não podemos deixar de protestar contra o péssimo costume de certos festeiros em instituírem o Samba, o Batuque na frente das igrejas onde a nossa gente é tratada a cachaça para no fim surgir toda a (...) que envergonha (...) pena se tentássemos descrevê-las⁹.

Na maioria dos artigos publicados, as reflexões sobre a miséria e o abandono da população negra são divididas com mensagens em tom conservador e moralista. São conselhos sobre as tentações de ceder aos riscos que rondavam a comunidade, especialmente os integrantes mais jovens. A concorrência oferecida pela importação de mão-de-obra europeia, especialmente em São Paulo, endureceu ainda mais o discurso, em alguns momentos resvalando a xenofobia.

A Frente Negra Brasileira exaltou publicamente a política hitlerista em sua construção de uma sociedade composta apenas por “arianos puros”. Vale ressaltar, porém, que a defesa foi apresentada com ideias inclusivas. Para a Frente, não se colocava em questão qual era a “raça” superior. O importante era argumentar a favor de uma “raça” formadora do país, que valorizasse um tipo nacional.

Que nos importa que Hitler não queira, na sua terra, o sangue negro? Isso mostra unicamente que a Nova Alemanha se orgulha de sua raça. Não queremos saber de arianos. QUEREMOS O BRASILEIRO NEGRO E MESTIÇO, que nunca traiu nem trairá a Nação. Nós somos contra a importação do sangue estrangeiro que vem atrapalhar a vida do Brasil, a unidade da Nossa Pátria, da nossa Raça, da nossa língua. Hitler afirma a raça alemã. Nós queremos a raça brasileira, sobretudo o seu elemento mais forte: o NEGRO BRASILEIRO¹⁰.

Nestes artigos, a África assume um tom memorial, onde as recordações das origens oscilam entre fonte de emoção e dissabores. O novo modelo é a comunidade norte-americana, apesar do reconhecimento de um racismo ostensivo e violento. Nos salões e bailes da FNB, a Jazz Orquestra comanda saraus dançantes “afinados e harmoniosos¹¹” e em artigos de fundo, como o emblemático “O Destino da Raça

⁹ Texto publicado na primeira página da edição 32, em 1934. O grifo na expressão “Somos católicos” é de autoria da autora deste artigo.

¹⁰ . O artigo em questão é de autoria de Arlindo Veiga dos Santos, fundador da FNB, do Patrianovismo, e então presidente da organização. Foi publicado em 1933, na primeira página da edição 27 de A Voz da Raça. As expressões destacadas em maiúsculas reproduzem a publicação original.

¹¹ A Voz da Raça, 1933, edição 19.

Negra no Brasil", de Humberto de Campos¹², os brasileiros e suas tradições afros são duramente criticadas.

Na América do Norte, o negro organizou-se socialmente para viver e prosperar, à revelia do branco. Lá tem ele os seus jornais, as suas universidades, os seus bancos, o seu comércio, a sua agricultura, as suas indústrias, as suas artes. Uma grande artista de sangue negro poderá encher um teatro enorme unicamente com "gentleman" da sua raça. No Brasil, o negro não tem formado senão clubes dançantes de arrumadeiras e copeiros, e "cordões", pelo Carnaval. E como documento de solidariedade racial e humana, o mais que conseguiu foi a irmandade do Rosário, para dar um caixão de pinho, e uma grinalda de flores de papel, a esses párias quando morrem¹³".

A Raça da Voz

Com o objetivo de pontuar a existência de “mecanismos de branqueamento” no discurso de “A Voz da Raça”, - ainda que sem inferir a consciência deste processo -, o presente estudo elaborou um levantamento de expressões e manifestações de origem africana utilizadas pelos fretenegrinos. Para isso, foi utilizado como parâmetro a publicação "Brasilidades que vêm da África", organizada por Sônia Queiroz, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, responsável por pesquisa sobre a presença da cultura banto na tradição oral de Minas Gerais.

O estudo, publicado em 2008, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG), reúne textos de alunos da “Oficina de Texto em Língua Portuguesa: Lexicografia”, organizada pela Dra. Sônia Queiroz, e propicia pequenos mergulhos em palavras de origem africana, que foram totalmente integradas ao vocabulário brasileiro. A obra passeia por instrumentos musicais, danças, culinária, divindades, alcunhas, palavras pejorativas, afeições e partes do corpo.

A partir dessa lista, foi iniciada a “varredura” em “A Voz da Raça”, com o auxílio da ferramenta de acesso ao conteúdo digitalizado da Fundação Biblioteca Nacional, localizada no Rio de Janeiro¹⁴. Das 56 palavras analisadas, algumas foram desdobradas por associação e origem¹⁵. Foram identificados 40 registros com citação no jornal da FNB, o que possibilitou uma avaliação do signo contextualizado. Por fim, o terceiro e derradeiro movimento deste artigo buscou resgatar a etimologia de alguns termos, na busca de novos olhares e entendimentos.

¹² Jornalista maranhense (1886-1934). Tornou-se conhecido nacionalmente graças aos artigos publicados em diversos jornais do Rio de Janeiro, então capital da República. Membro da Academia Brasileira de Letras, elegeu-se deputado federal por seu estado natal. Ocupou mandatos sucessivos até a eclosão da Revolução de 1930, quando foi cassado.

¹³ Artigo publicado na primeira página da Edição 27, em 1933.

¹⁴ A Biblioteca Nacional Digital Brasil reúne o conteúdo da Hemeroteca Digital Brasileira, a maior coleção de periódicos do país. Graças à ferramenta de busca associada ao conteúdo digitalizado, os pesquisadores podem realizar buscas pontuais e com alto grau de acuracidade. É importante documentar, porém que o programa não garante 100% de eficácia.

¹⁵ A palavra batuque é citada em vários verbetes de “Brasilidades que vem da África”, mas, em nenhum deles, recebe aprofundamento. Por sua relevância, neste artigo ela ganhou levantamento próprio e análise no texto de ‘A Voz da Raça’.

Dos itens estudados, os destaques foram os termos *batuque*, *carnaval*, *samba* e variações (*sambistas*, por exemplo).

Batuque - Tem origem controversa. Para alguns estudiosos, trata-se de um regressivo do verbo *batucar*, que significa bater continuamente (José Pedro Machado e Antônio Geraldo Cunha). Houaiss cita essa corrente, mas menciona outras propostas que apontam para uma relação com as línguas africanas. Nei Lopes, autor do "Dicionário Banto", sugere associação com o verbo quimbundo "tuka", saltar. Olga Cacciatore, responsável pelo "Dicionário de Cultos Afro-brasileiros" associa a palavra Ronga "batchuk", tambor, baile.

Geralmente acompanhada de outros signos de origem africana, *batuque* é apresentado ao lado de *samba* (gênero musical, expressão popular); *bamba* (o valente, o virtuoso). Mas também associado à *cachaça* (aguardente extraído do bagaço da cana) e à *bagunça* (cuja etimologia aponta dois significados diversos: máquina para mover aterro e desordem, confusão). Mas o que era o batuque para a FNB? Das oito aparições registradas pelo sistema, somente duas evocam aspectos positivos. A primeira, ainda no primeiro ano de publicação do jornal, fala de uma homenagem póstuma ao abolicionista Antonio Bento. O autor do texto lembra, com emoção, "das homenagens dos homens negros, com batuques, rufos e chocalhos¹⁶", em um movimento que muito se aproxima à descrição de um *gurufim*, tradição de origem africana em que há música, dança, canto e brincadeira para lembrar o morto e, assim, desanuviar a atmosfera do enterro. Prática, diga-se de passagem, realizada até hoje entre o povo do samba.

A segunda menção, de caráter mais neutro, acontece também no primeiro ano de circulação do jornal, no programa da Corporação Musical, que executaria "Paquetá", "um Batuque, no Imponente Festival Litero-Dramático e Musical", organizado pelo grupo das Rosas Negras. Mas do que falam afinal as citações restantes? Os registros qualificam o batuque como uma ameaça, uma prática que "pode colocar a raça negra a perder", anuncia o artigo da Edição 10 de "A Voz da Raça".

No emblemático artigo "A Afirmação de Raça", onde o presidente da Frente, Arlindo Veiga dos Santos, elogia o exemplo alemão, idealizado por Hitler, de valorização da raça, a desorganização nacional é qualificada como um "batuque solene" e o "lar nacional" comparado a "uma pagodeira internacional", em que todo estrangeiro chegado na véspera manda, dá leis e conselhos de perdição.

A maioria das vezes, no entanto, a típica manifestação afro de comemorar ao som da música, com dança, em um batuque, é apontada como um fator de enfraquecimento, que leva o negro a um destino menor – onde ele "só serviu de capacho, capenga, dançador de baile ou batuque, ou simplesmente um cabo eleitoral¹⁷". Curiosamente, uma crítica tão rígida não é observada nas menções ao *Carnaval* e ao *Samba*, que passam praticamente incólumes pela rígida moral frentenegrina.

Já a *Macumba* e a *Capoeira*, outros dois ícones da cultura afro no Brasil não tiveram a mesma sorte. A macumba, "antigo instrumento musical de origem africana usado outrora nos terreiros", "termo genérico para os cultos afro-brasileiros", segundo A. G. Cunha, é apresentada como algo menor, não digna, por exemplo, de ser comparada à grafologia. "(...) Não vão porém julgar que o Salti é macumbeiro, é uma ciência muito interessante e delicada, que depende tão somente de fino estudo, e está

¹⁶ A Voz da Raça, 1933, Edição 17.

¹⁷ A Voz da Raça, 1933, Edição 18.

ao alcance de qualquer pessoa, que queira queimar um pouco a ‘pestana’ nos livros¹⁸. Já o *capoeira* é antireferência, como menciona A. Amaral em um artigo sobre Economia. “Cheios de frases da gíria, exibições de capoeira”¹⁹.

Esta breve análise, sem objetivo maior que o de propor investigações sobre o esconder/revelar dos textos publicados em “A Voz da Raça”, chega a término com mais indagações e propostas do que na partida. O que revela o silêncio do jornal representante dos negros sobre práticas religiosas típicas como o Candomblé? Como avaliar a publicação de uma nota sobre o lançamento de um centro espírita Kardecista em contrapartida a nenhuma menção a deuses africanos, suas comidas e danças e outras práticas sincréticas, como a Umbanda? Sem dúvida, são temas para futuros artigos.

Observação

“A Voz da Raça” circulou de 1933 a 1937. Em toda a existência foi financiado pelas mensalidades pagas pelos integrantes da FNB. A venda dos exemplares praticamente não cobria as despesas de publicação, que foi paulatinamente reduzida de semanal para quinzenal e, posteriormente para mensal²⁰.

Bibliografia

BARBOSA, Márcio. Frente Negra Brasileira – Depoimentos. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LOPES, Nei. Novo dicionário banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 1942.

_____. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. São Paulo, Selo Negro, 2006.

_____. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo, Selo Negro, 2004.

MACHADO, José Pedro. Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e reconhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1952-1959.

¹⁸ A Voz da Raça, 1933, Edição 14.

¹⁹ A Voz da Raça, 1937, Edição 68.

²⁰ Do número 1 ao 18, a publicação do jornal foi semanal. Do número 18 ao 45, foi quinzenal e do 46 ao 70 foi mensal).

MENDONÇA, Renato. A influência africana no português do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em História na UERJ.

QUEIROZ, Sônia (org.). Brasilidades que vêm da África.

VOZ DA RAÇA, A. Publicação da Frente Negra Nacional (FNB) – Artigos publicados de 1933 a 1937.

Recebido para publicação em 09-02-17; aceito em 12-03-17